

## TECNOLOGIA SIM, MAS SEM ESQUECER O PAPEL DO PROFESSOR

TECHNOLOGY YES, BUT WITHOUT FORGETTING THE ROLE OF THE TEACHER

TECNOLOGÍA SI, PERO SIN OLVIDAR EL PAPEL DEL PROFESOR

José Marcos Ernesto Santana de França

**Resenha crítica do livro:** MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarcisio; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21. ed. rev. ampl. Campinas: Papirus, 2018.

O livro *Novas tecnologias e mediação pedagógica* teve sua primeira edição em 2000 e já está em sua vigésima primeira edição (revista e ampliada) publicada em 2014 e uma nova tiragem em 2018, o que demonstra o fôlego e a aceitação da obra no âmbito acadêmico. A obra está dividida em três capítulos e cada um deles, escrito por um autor-professor respeitável com larga experiência no ensino superior, aborda a temática do ensino no nível superior.

O primeiro capítulo, de autoria de José Manuel Moran, é intitulado *Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas*. O autor é doutor em Comunicação pela USP e professor nessa mesma instituição, onde leciona a disciplina “Novas Tecnologias” na Escola de Comunicações e Artes, e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É autor das obras *Como ver televisão* e *Mudanças na comunicação pessoal* e outros.

Nesse texto, Moran defende o uso das novas tecnologias no ensino sem, contudo, menosprezar os velhos recursos do ensino. Para ele, as novas tecnologias educacionais devem servir como um recurso mediador a ser utilizado pelo professor no processo ensino/aprendizagem, ou seja, ele deve servir como meio e não como fim, isso porque se costuma propagar equivocadamente que as novas tecnologias e o computador substituirão o professor.

Para o autor, o processo ensino/aprendizagem é possível mesmo sem o uso das novas tecnologias, pois não são elas por si sós que promovem o processo.

Contudo, diante da atual realidade, isto é, diante da existência de tais recursos tecnológicos, não se pode negar o quanto são úteis para encarar os desafios da educação. Esses desafios vão desde o ensinar e o educar com qualidades até as dificuldades para mudar os paradigmas da atual educação.

O professor Moran faz também uma análise panorâmica da sociedade de informação para adentrar em questões como: postura do professor e princípios metodológicos norteadores (os quais o autor enumera); integração das tecnologias de forma inovadora para atender aos anseios dessa nova sociedade (dita pós-moderna); e preparação do professor para fazer uso de todo esse manancial tecnológico (pois, sem isso, nada daquilo será possível).

Nesse sentido, conclui Moran, o ensino com as novas mídias será uma revolução se houver uma mudança simultânea dos paradigmas convencionais do ensino que mantêm distantes professores e alunos, caso contrário, o que se conseguirá é dar apenas um “verniz de modernidade” sem mudar o essencial.

O segundo capítulo, por sua vez, é assinado por Marilda Aparecida Behrens, doutora em Educação e professora do mestrado em Educação e do curso de Pedagogia da PUC-PR e também autora de obras voltadas para a discussão da formação e da prática pedagógica do professor. A autora discute nesta obra conjunta os *Projetos de Aprendizagem Colaborativa num Paradigma Emergente*, uma temática que ela aborda em uma de suas obras, de forma mais ampla, por se tratar de um livro, intitulada *Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica* (2013)<sup>1</sup>.

No capítulo em tela, a autora põe em debate, na mesma linha de Moran, a necessidade de o professor estar atualizado com os novos paradigmas de ensino que estão atrelados às novas tecnologias e que o professor precisa estar em sintonia e fazer uso deles aliados a uma proposta de pedagogia de projetos para uma *aprendizagem colaborativa* apontada por ela como um dos novos paradigmas didático-pedagógicos (que, aliás, a autora dissecou os passos a serem seguidos, primeiro ilustrando-os em um gráfico para em seguida explicar cada um deles).

---

<sup>1</sup> Publicado pela editora Vozes, já se encontra em sua sexta edição.

Para Behrens, esses novos paradigmas exigem uma mudança de foco e de postura por parte do professor, no que diz respeito à prática pedagógica e à forma de conceber a educação. Os paradigmas emergentes já são uma consequência de um mundo globalizado e, portanto, de uma sociedade globalizada. E, como não poderia deixar de ser, o modelo de educação adotado é reflexo da sociedade em que essa educação se encontra inserida.

Em vista disso, o foco tem que estar no processo de criar possibilidades para instigar a aprendizagem do aluno, pois, como endossa a professora, na era digital, a educação caminha para uma aprendizagem colaborativa. Professor e aluno, portanto, aprendendo juntos, aprendendo a aprender, já que as novas tecnologias possibilitam novos modelos de aula e até mesmo, pode-se dizer, rompem com a ideia de sala de aula, de texto, de aula presencial.

Para a professora da PUC, a educação colaborativa, resultado desses novos paradigmas emergentes, propõe uma educação continuada ao longo da vida, visto que sempre se tem algo a aprender, principalmente para o professor. Essa educação deve estar alicerçada em quatro pilares, que, segundo a autora, são a conclusão do *Relatório Delors*<sup>2</sup>: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*. Tudo isso para resultar em uma formação holística do homem, atendendo a uma necessidade de rever a fragmentação do homem pós-moderno que ora se apresenta.

Já o terceiro capítulo, cujo título é *Mediação Pedagógica e o Uso da Tecnologia*, é assinado por Marcos Tarcisio Masetto. Com ampla experiência na discussão do papel do professor universitário no que diz respeito a sua didática, metodologia e competência pedagógica em vários livros de sua autoria, aqui, o autor, livre-docente em Didática e professor associado aposentado da USP e nos cursos de pós-graduação da Universidade Mackenzie e da PUC-SP, diz que dois fatos novos relacionados ao contexto da educação o levaram a discutir esse assunto: *o surgimento da informática e da telemática e a abertura no*

---

<sup>2</sup> O relatório "[Educação, um tesouro a descobrir](#)", mais conhecido como *Relatório Delors*, foi elaborado no ano de 1996 para a UNESCO pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, liderada pelo economista francês Jacques Delors, em que especialistas em educação de diferentes países traçaram orientações sobre a educação mundial.

ensino superior para a formação das competências pedagógicas dos professores universitários.

Masetto organiza seu texto em quatro tópicos assim distribuídos: *Tecnologia e processo de aprendizagem*; *Tecnologia e mediação pedagógica*; *Tecnologia, avaliação e mediação pedagógica*; *O professor como mediador pedagógico*. Os títulos dos capítulos já são um indicativo da nova realidade na relação *professor x tecnologia x ensino*, por isso o autor conclama para uma revisão do papel do professor no processo ensino/aprendizagem. E qual deve ser este papel? O de um mediador pedagógico (uma tese já abordada em Moran com muita propriedade, diga-se de passagem). Neste contexto, assim como no livro *Competência Pedagógica do Professor Universitário* (2003), o professor Masetto elenca o que ele chama de *Práticas para aprendizagem em ambientes virtuais*, tais como a *internet*, a *multimídia*, a *hipermídia* etc.

Como aquela obra é posterior a esta, já que a primeira edição de *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica* é de 2000, parece-me que o autor procura reafirmar as suas convicções quanto ao uso dos recursos tecnológicos e o papel do professor frente a tudo isso. Tanto lá como cá, o autor destaca a necessidade e a atualidade do debate sobre a competência pedagógica e a docência universitária. Masetto assim se posiciona:

Por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem – não uma ponte estática, mas uma ponte “rolante”, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos. (MASETTO, p. 144-5)

Mas gostaria de comentar dois pontos do texto de Masetto que julgo relevantes para esta discussão, visto que são aspectos que não foram abordados nos capítulos anteriores. O primeiro ponto é tratar dos conceitos de *autoaprendizagem* e de *interaprendizagem*. Segundo o autor, ambos fazem parte de um processo de aprendizagem que se caracteriza quando o aluno é “[...] sujeito de ações que o levam a aprender e a mudar seu comportamento” (MASETTO, p. 141). Quando o aluno realiza essas ações sozinho, dá-se a *autoaprendizagem*; quando as realiza com o professor e com os seus colegas, dá-se a *interaprendizagem*.

O segundo ponto é tratar da enumeração das características que marcam a mediação pedagógica<sup>3</sup>. Todas elas apontam para uma afirmação do aluno pesquisador, ativo, sujeito das ações e um professor, não menos importante em seu papel, como mediador. Diante disso, portanto, nada mais plausível na discussão deste texto dar a palavra ao próprio autor para que ele expresse sua posição: “Quisemos chamar a atenção para a necessidade de empregarmos essa tecnologia se quisermos ser eficientes e eficazes no processo educacional” (MASETTO, p. 171).

É de se esperar, obviamente, que os três capítulos estejam em perfeita sintonia, em harmonia temática, pois discutem e defendem, no fundo, de maneiras diferentes, o eixo temático que norteia a obra: o papel do professor frente às novas tecnologias educacionais e a sua relação com os alunos, bem como que pedagogia se deve adotar diante de toda essa novidade tecnológica, a saber: o uso da informática e da telemática, e como utilizá-las em benefício no processo ensino/aprendizagem, haja vista que o alunado pode estar mais atualizado (ou em contato) com as novas tecnologias do que o próprio professor. Diante disso, é necessário que o professor esteja atualizado e dominando essas ferramentas que já fazem parte do dia a dia de grande parcela da comunidade estudantil. Contudo, é bom ressaltar que esta realidade não faz parte da realidade de um grande número de estudantes, principalmente da rede pública, independentemente do nível de ensino<sup>4</sup>.

Para Moran, no entanto, “Com ou sem tecnologias avançadas, podemos vivenciar processos participativos de compartilhamento de ensinar e aprender (poder distribuído) por meio da comunicação mais aberta [...]” (MORAN, p. 28). Em conclusão: “Ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial” (MORAN, p. 63).

Behrens, fazendo uma ponte com o texto do capítulo anterior (até me parece que ela retoma de onde Moran parou), afirma que “O processo de mudança paradigmática

---

<sup>3</sup> Aqui não convém citá-las por razões de espaço e de propósito deste texto, mas recomendamos ao leitor que faça uma visita à obra.

<sup>4</sup> O cenário da pandemia revelou de maneira drástica essa realidade quanto ao acesso a essa tecnologia para a aplicação de aulas remotas, tanto para professores quanto para alunos.

atinge todas as instituições, e em especial a educação e o ensino nos diversos níveis, inclusive e principalmente nas universidades” (BEHRENS, p. 68). Dentro desse contexto, a autora introduz a concepção de “paradigma emergente”, assim definido por Moraes (1997 *apud* Behrens, p. 86): “[...] aliança entre as abordagens construtivistas, interacionistas, sociocultural e transcendente”.

O interessante desta obra, no entanto, é que além da defesa do uso da informática e da telemática como meio de intermediação pedagógica na educação, os autores também defendem que ao lado do domínio da tecnologia, o professor, antes de tudo, saiba dominar não apenas o conteúdo de sua disciplina, como requisito necessário para ser um bom professor, mas faz-se necessário também que ele domine outros conhecimentos que subjazem ao processo, como conhecer e estar a par das correntes pedagógicas bem como das novas tendências e os seus princípios filosóficos.

Um outro ponto norteador e nodal desta obra que perpassa os três capítulos é a visão compartilhada de que o professor como mediador deve ter uma postura dialógica, humilde, humana, sempre aberto *a aprender*. A julgar pela bibliografia utilizada em seus ensaios, não seria de esperar dos autores da obra em discussão uma ideologia diferente desta que expõem. Fazem parte das referências autores como Paulo Freire, Jacques Delors, Howard Gardner, Philippe Perrenoud, Moacir Gadotti, entre outros da mesma linha de pensamento educacional contemporâneo, além de obras dos próprios autores.

Indubitavelmente, o pensamento desses renomados autores povoa a visão dos autores da obra em análise. Assim, eles defendem que o conhecimento se constrói a partir das informações obtidas, neste caso específico, através da *internet* (porém, não se restringe a ela!), mas intermediada pelo professor. E o papel do professor, como mediador, é levar o alunado a este estágio: como obter e buscar informações e transformá-las em conhecimento, e à medida que o discente constrói seu conhecimento, o docente também vai construindo o seu, por sua vez. Isso demonstra, a meu ver, a coerência da obra. Mudanças e descobertas ocorridas no campo da educação nos últimos anos não podem ser ignoradas. A tecnologia está aí, deve ser utilizada didática e pedagogicamente com eficiência no processo ensino/aprendizagem, mas com critérios, pois o lado humano não pode ser esquecido. O professor ainda mantém seu papel fundamental e precípuo de mediador do conhecimento no processo.

Gil (2003), em *Metodologia do Ensino Superior*, no entanto, faz uma contundente afirmação em relação ao professorado do ensino superior. Para o autor, o corpo docente nesse nível de ensino não está preparado didática e metodologicamente para ensinar. Em geral, ele não domina ou não conhece as teorias psicopedagógicas de ensino/aprendizagem, por isso a visão que ele tem é de que basta o domínio de conteúdo dentro de sua disciplina ou área de conhecimento. Ou seja, o domínio de recursos e conhecimentos didático-pedagógicos não seria necessário para lidar com alunos adultos, pois acredita-se que a falta desse domínio docente não interferiria para que os alunos adquiram conhecimentos técnicos, que é o mais relevante dentro dessa perspectiva.

Mas o que se quer com tudo isso é dizer que para o professor ter acesso, conhecimento e dominar a tecnologia para fazer uso em prol de uma educação eficiente, e mesmo atrativa e inovadora, – como querem Moran, Behrens e Masetto – faz-se necessário que primeiro a Universidade e o seu corpo docente saiam do estado de letargia em que se encontram. Pois estão parados no tempo e com um discurso ultrapassado que não acompanha, de fato, as inovações da tecnologia educacional (e o contexto da pandemia foi “um tapa na cara”). De repente, de forma abrupta para muitos, tivemos que aprender a manusear plataformas de AVA (ambiente virtual de aprendizagem) e outros.

Em outras palavras, fala-se em uso das novas tecnologias e as práticas didático-pedagógicas continuam as mesmas de quando toda esta tecnologia ainda não existia. Essa afirmação encontra ressonância em Leite (1999, p. 10) quando diz que a “Universidade [está] atrelada aos paradigmas ainda conservadores que, em meio às crises, se vê pressionada pela imposição de mudanças ditadas pelo sistema educativo.”<sup>5</sup>

Justiça seja feita, a bem da verdade, há IES (Instituições de Ensino Superior) que são pioneiras no uso destas tecnologias, principalmente no dito ensino a distância (EAD) em que se faz preciso o uso da telemática, fundamentalmente. Como diz Behrens, em seu capítulo, este é um dos paradigmas emergentes que não pode ser ignorado ou tão pouco achar que essa tendência, num prazo não muito longo, não estará em todas as universidades públicas. Pelo contrário, há toda uma defesa dessa modalidade nessas

---

<sup>5</sup> Essa asserção, apesar de ter se passado mais de 20 anos, continua bem atual.

instituições, como bem atestam Villardi e Oliveira (2005). Dizem as autoras, ambas professoras da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), que “[...] a Educação a Distância é viável e factível, com a manutenção da desejada excelência e da construção teórica necessária ao seu progressivo alicerçamento” (VILLARDI; OLIVEIRA, 2005, p. VIII).

Porém, é preciso ressaltar que já há diversas universidades públicas investindo nessa modalidade de ensino para a graduação. E agora mais do que nunca é preciso fazer esse investimento! É preciso preparar professores e alunos para a nova realidade que se apresenta de forma imperativa e que não pode ser deixada para depois. As aulas em modo remoto são uma realidade que não pode ser mais ignorada. Isso é fato!

Diante disso, o ensino superior no Brasil, em nível de graduação principalmente, deve ser repensado. A formação do professor universitário deve ser revista juntamente com a revisão dos currículos de cursos, pois, Braga (1999), por sua vez, discutindo a questão do currículo na Universidade, acusa essa instituição de não pensar seus currículos de forma integrada, interdisciplinarmente. Há tamanha fragmentação que não é possível pensar holisticamente e incentivar à pesquisa e à colaboração entre os alunos. Isso é um problema ainda vigente e contribui para a má qualidade do ensino/aprendizagem.

Assim, entre outras abordagens feitas, Moran, em certa passagem, afirma que no geral não se tem um ensino de qualidade. O que ocorre é que alguns cursos, faculdades, universidades se destacam em determinadas áreas, mas que não se mantém uma uniformidade, mesmo dentro das melhores universidades. Essa afirmação de Moran vem coadunar-se com a referida passagem de Gil (2003), citada anteriormente, na medida em que aquele afirma que ainda se tem nos cursos superiores “[...] professores mal preparados, mal pagos, pouco motivados e evoluídos como pessoas” (2004, p. 15) além de mal preparados didática e pedagogicamente para o ensino.

Moreira e colaboradores (2003), em *Didática do Ensino Superior*, também discutem a necessidade de preparar didática e pedagogicamente o professor do ensino superior. Tudo o que os autores de *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica* discutem e defendem, portanto, é corroborado por outros importantes autores que repensam a didática e a metodologia do ensino superior.

Behrens, em seu texto, defende um ensino com *pesquisa*, com uma abordagem *progressiva*, com uma visão *holística* e a tecnologia como ferramenta para uma

aprendizagem colaborativa. Sendo assim, a autora aponta para as tendências emergentes citando as suas principais características e o ensino superior não pode fugir a isso. Pelo contrário, é ele que deve iniciar todo o processo de mudança nesse sentido.

A informática e a telemática estão presentes e não podem ser ignoradas, isso é fato. Contudo, a Educação se faz com pessoas e a máquina por mais eficiente que seja não substitui a figura do professor. Concordo com os autores em seus pontos cruciais e defendo, sim, que os professores devem estar sintonizados com tudo isso, mas é preciso que se diga que nem todos os estudantes ou mesmo professores universitários têm recursos financeiros para a obtenção de uma máquina (de preferência de última geração, claro!) e possam desfrutar das maravilhas que o computador oferece ou tampouco usufruírem das facilidades que a internet dispõe. A realidade do estudante brasileiro de universidade pública, principalmente, nem sempre permite (ou não permite mesmo!) que ele faça uso de recursos e linguagens digitais de que se dispõem atualmente e que podem colaborar significativamente para tornar o processo de educação mais eficiente e eficaz (MASETTO, 2003).

A obra, enfim, no seu conjunto, discute temas atuais da Pedagogia, como as inteligências múltiplas, a pedagogia das competências, a pedagogia de projetos, interdisciplinaridade e o repensar da educação para o século XXI, por isso deve figurar entre as obras de consulta de quem lida com a Educação, mesmo que não seja no ensino superior. O seu material rico em discussões pertinentes e atuais sobre as novas tecnologias e propostas pedagógicas é, sem dúvida, recomendado a estudantes e professores de todas as áreas da licenciatura e não só da Pedagogia.

Um livro, pois, que já se encontra em sua vigésima primeira edição, prova a sua aceitação no âmbito acadêmico certamente porque o valor de seu conteúdo se mostra ainda atual e pertinente.

## Referências

BRAGA, A. M. Reflexões sobre a superação do conhecimento fragmentado nos cursos de graduação. In: LEITE, D. (org.). **Pedagogia universitária: conhecimento, ética e política no ensino superior**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

GIL, A. C. **Metodologia do ensino superior**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LEITE, D. Apresentação. In: LEITE, D. (org.). **Pedagogia universitária: conhecimento, ética e política no ensino superior**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MOREIRA, D. A. (org.). **Didática do ensino superior: técnicas e tendências**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2003.

VILLARDI, R.; OLIVEIRA, E. G. **Tecnologia na educação: uma perspectiva sócio-interacionista**. Rio de Janeiro: Dunya, 2005.

**Manuscrito recebido em:** 21 de setembro de 2019

**Aprovado em:** 11 de novembro de 2020

#### **SOBRE O AUTOR:**

**José Marcos Ernesto Santana de França** – é licenciado em letras, com doutorado e Pós-Doutorado em Linguística. Vice-líder do Grupo de Estudos em Discurso, Cultura e Identidades; e vice-líder do Grupo de Estudos em Representações, Linguagem e Trabalho. Tem experiência nas áreas de Letras, Linguística e de Educação, com ênfase em Linguística, nas subáreas de Análise do Discurso, Semântica, Pragmática, Linguística Textual, Linguística Aplicada, Sociolinguística e em Didática e Metodologia de Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: língua/linguagem, discurso, ensino de Língua Portuguesa (gramática, leitura, produção de texto), letramentos, gêneros textuais/discursivos, variação linguística, formação docente inicial e continuada e didática do ensino de Língua Portuguesa.

Contato: marcos.franca@urca.br

ORCID: 0000-0002-2328-9500